REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 411

21 DE MAIO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Caetano Alberto da Silva.

D. NETTO

ANTHERO DE QUENTAL

(Segundo photographia de Raposo)

CHRONICA OCCIDENTAL

As honras da semana pertencem incontestavelmente aos pretos do pateo do Governo Civil.

O grande acontecimento de Lisboa tem sido elles, tem sido e são ainda, porque o seu successo continua sem arrefecer e todos os dias o pateo do Governo Civil é invadido de pela manhã até á noite por uma multidão enorme de curiosos, que faz roda em torno dos pretos, que quasi que nem os deixa respirar, e que segue em bicha todos os passos que elles dão.

Os pretos devem estar muito admirados e lisongeados, embora um bocadinho massados, com este enorme e inesperado successo, elles de mais a mais costumados a serem tratados como cães pelos brancos que os trouxeram de Benguella para a Europa, no porão d'um navio sustentados a carne de cão e a pancada!

E tem razão para estar admirados, e tem razão para estar lisongeados, porque podem-se gabar de ter feito mais sensação em Lisboa do que todas as celebridades e phenomenos que tem cá apparecido n'estes ultimos tempos.

Nem a Sarah Bernhart, nem a Patti, nem o Mazzantini, nem o Coquelin tiveram entre nós a decima parte do successo que estão tendo esses pretos, que tem unicamente a recommendal-os á admiração do publico duas qualidades que não são precisamente duas novidades em Lisboa: — o serem pretos e o não fazerem nada.

Mas essas duas qualidades, manda a verdade que se diga, tem-n'as como ninguem.

Pretos são elles e ellas como azeviche, tão pretos que o carvão ao pé d'elles parece cinzento, e a respeito de fazer nada, fazem isso magnificamente e permanentemente, não fazem mesmo outra coisa desde que abancaram no pateo do Governo Civil, a não ser de vez em quando beberem alguns litros de cachaça e distribuirem entre si alguns soccos e algumas injurias no seu dialecto catumbellense, que tem a preciosa vantagem de não ser entendido por ninguem.

Mas bem diz o rifão que vale mais cahir em graça do que ser engraçado, e os pretos do Governo Civil cahiram tanto em graça entre a população lisboeta, que até um d'elles, que levou uma facada a bordo, é procurado, rodeado, admirado como um phenomeno, como se a facada em Lisboa fosse um manjar tão raro no *menu* de cada dia como o caviar da Russia.

Pois Lisboa, a Lisboa que tem no seu seio o Bairro Alto, a Alfama e a Mouraria, a Lisboa que abriga nos seus costumes quotidianos a navalha de ponta e mola, e que vê todos os dias sahir dos botequins fadistas e das viellas sujas e entrar nos hospitaes e nos cemiterios, uma porção respeitavel de esfaqueados, embasbaca todas as tardes no pateo do Governo Civil em frente do preto que levou uma *picada* a bordo, a admirar a cicatriz da ferida, como se se tratasse de admirar uma camelia negra ou um melro branco.

Para mim este successo incomprehensivel dos pretos do Catumbella em Lisboa, em Lisboa onde ha tanto preto, onde ha mesmo uma côrte preta, uma rainha preta, e até uma irmandade religiosa toda de pretos, só se póde explicar pela excentricidade dos seus trajes ao principio extremamente selvagens, pela nota original e pittoresca d'esse bando de homens, mulheres e crianças, cahindo em pleno Chiado quasi nus, como se sahissem do palco de S. Carlos de representar a Africana.

Effectivamente essa nota é muito pittoresca e d'um effeito enorme para quem nunca andou pela America ou pela Africa, e em pretos só conhece, como eu, os pretos da esquina da rua do Amparo, aquelles pretos de chapeu alto que d'antes pairavam de brocha espetada n'um pau, e tigella de cal na mão, pelas alturas do Campeão, e davam serio cavaco quando os ajustavam para caiar o tecto do Rocio.

E depois accresce a circumstancia muito importante para o successo dos pretos, d'um d'elles, o chefe, o tal sr. Cambiambia ser casado com uma preta, que tem feito morder de inveja muita branca, e que é realmente uma esculptura... em ébano.

Essa preta é d'uma elegancia de formas rara; os seus braços, o seu collo, o seu busto, d'um negro brilhante e polido, são d'uma belleza de contornos verdadeiramente notavel; e a *toilette* indigena, que a despe muito mais que a veste, e os seus modos languidos, espreguiçados, indolentes, dão-lhe um encanto original, picante, novo para os Europeus, um encanto que faz comprehender muito melhor o poema da *Africana* e da *Aida* que a musica de Meyerbeer e de Verdi.

Esse encanto de Venus negra porém, se ella se demora muito tempo em Lisboa, vae-se embora com certeza.

A invasão da *toilette* nacional dá cabo d'elle n'um abrir e fechar d'olhos, e se essa preta cae em vestir as saias e os corpetes que seu marido lhe comprou já n'uma loja do Chiado, se não resiste á tentação do chapellinho europeu, do mantelete ou da *visite*, era uma vez o successo dos pretos do Catumbella e acaba-se a romaria ao Governo Civil.

É a historia d'aquelle rapaz artista que um dia se enamorou perdidamente d'uma lavradeira do Minho.

Viu-a no campo com os seus trajes pittorescos, com os seus lenços de côres vistosas, as suas arrecadas, as suas tufadas saias curtas, a sua jaleca tão caracteristica e achou-a mil vezes mais formosa do que todas as elegantes e aristocraticas damas com quem até então tinha vivido.

Doido d'amor, mandando para o inferno todos os preconceitos sociaes, pediu-a em casamento.

O seu pedido foi acceite e a nossa lavradeira vendo-se noiva d'um fidalgo entendeu do seu dever collocar-se, ao menos pela *toilette*, á altura da situação.

Sem dizer nada ao noivo mandou fazer á cidade os fatos mais elegantes pelas mais afamadas modistas, e um bello dia fez ao seu noivo a surpreza de lhe apparecer trajando no maior requinte da moda.

O noivo ao vel-a, não a conheceu; e ao conhecel-a deitou a fugir pela porta fóra e nunca mais a noiva foi capaz de lhe pôr a vista em cima.

Com a preta do Governo Civil acontece fatalmente a mesma coisa, como já aconteceu ao seu marido e aos seus companheiros, que muito feios mas muito originaes e pittorescos, nos primeiros dias da sua chegada a Lisboa, com os seus trajos caracteristicos, deram cabo de toda a poesia selvagem, que os aureolava e se tornaram os sujeitos mais comicos e grotescos d'este mundo, apenas vestiram uns casacões d'inverno, que lhes chegam até aos pés, e puzeram nas suas carapinhas uns chapeus de côco comprados na Chapelaria Roxo.

Sobre a vida e a vinda d'estes pretos tem corrido varias versões, mas a respeito d'elles o que se sabe com verdade, de positivo, é que não se sabe positivamente cousa nenhuma.

A versão mais corrente é que o tal sr. Cambiambia, o chefe da *troupe* veio para a Europa contratado com a sua gente para tocar e dançar o batuque africano, mas que muito mal tratados a bordo e em algumas terras onde tocaram, pelos seus emprezarios, vieram ter aqui miseraveis, quasi que esfomeados e fugidos.

Outra versão apresenta o chefe Cambiambia como um capitão de ladrões africanos, e a sua troupe como sua quadrilha, que por fim cahiu em poder de salteador mais fino ainda, e essa versão explica a facada dada por Cambiambia a bordo n'um dos seus companheiros, como tentativa para se ver livre d'um que sabia o seu segredo. Na primeira versão a facada é explicada por ciumes do Cambiambia de sua mulher, a tal preta bonita, a quem o esfaqueado fazia pé de alferes.

Qual das versões é a verdadeira? Ao certo não se sabe, porque não ha informações officiaes e as informações que ha são apenas as que o proprio Cambiambia — o unico que falla portuguez, ou antes portuguez e francez misturado com lingua de preto, uma algaravia de que se entende alguma coisa — quer fornecer, e essas mesmas são cheias de contradições e por ellas não se pode fazer obra.

Sejam porém os pretos o que fôr, o que é certo é que tiveram a habilidade de fazer sensação em Lisboa, de se tornarem o grande acontecimento da capital, e tanto que o sr. conde de Burnay já os convidou para uma das suas *matinées*, ja os apresentou aos seus convidados nas esplendidas salas do seu magnifico palacio da Junqueira.

Na lista das graças e mercês que n'estes ultimas semanas tem sido concedidas por El-Rei, ha duas que não queremos deixar de registar porque representam uma grande justiça, uma distincção perfeitamente merecida — a mercê do habito de S. Thiago ao illustre actor José Antonio do Valle, e ao distincto medico occulista o dr. Lourenço da Fonseca.

O actor Valle é sem contestação alguma o primeiro actor comico portuguez, hoje que o actor Taborda deixou, depois d'uma carreira gloriosissima a vida activa do Theatro.

O dr. Fonseca é um dos medicos mais distinctos do nosso paiz, e na sua especialidade uma verdadeira notabilidade da nossa terra.

O habito de S. Thiago, a ordem destinada a galardoar o merito scientifico, litterario e artistico, não podia ser conferido com mais justiça do que a estes dois portuguezes illustres — um tão notavel na sciencia, outro que pelo seu talento brilhantissimo, pela sua veia comica inexcedivel e inexgotavel, occupa logar proeminente na arte theetral do nosso paiz.

No proprio dia em que escrevemos estas linhas regressou de Villa Viçosa a Lisboa, S. M. a Rainha a Sr.ª D. Amelia, que ali tinha ido completar a convalescença da doença que ultimamente soffrera.

Sua Magestade vem completamente restabelecida e todos que conhecem a augusta soberana, que tem podido apreciar as altas qualidades do seu espirito e do seu coração, a bondade e a simplicidade enorme que a tornam positivamente encantadora para todos que da rainha se aproximem, folgam sinceramente com esse restabelecimento e festejaram a sua chegada com sympathicas e justissimas manifestações de alegria e de regosijo.

Gervasio Lobato.

ANTHERO DE QUENTAL

Anthero de Quental nasceu na ilha de S. Miguel em abril de 1842 e descende de uma das mais antigas familias dos Açores.

De 1856 a 1862 cursou a Universidade de Coimbra, e pela qual é bacharel formado em Direito.

Em 1864 publicou um folheto intitulado *Defeza da Carta Encyclica de SS. Pio IX, contra a chamada opinião liberal*. E' um protesto contra a falta de logica com que as folhas liberaes atacaram o *Syllabus* declarando-se ao mesmo tempo fieis catholicos.

Em 1871 apparece a publico a *Carta ao ex.mo marquez de Avila e Bolama, sobre a Portaria que mandou fechar as Conferencias do Casino Lisbonense*. Este folheto de uma elequencia quente e viril, fez cahir o ministerio Avila e Bolama.

Foi no periodo comprehendido entre a publicação d'estes folhetos de Quental, que se ferio a celebre questão coimbrã, ahi por 1865 a 1866, em que o nosso biographado escreveu o *Bom senso e bom gosto, carta ao ex.mo sr. A. F. de Castilho*, e em seguida *Dignidade das Lettras e Litteraturas Officiaes*.

De 1867 a 1868 esteve Anthero de Quental na França, em Hespanha e nos Estados Unidos publicando por esse tempo um opusculo de combate *Portugal perante a revolução de Hespanha*, em que se advogava a união peninsular debaixo de um governo republicano federal.

* * *

No mesmo anno em que Anthero de Quental escreveu a *Carta* sobre as conferencias no Casino Lisbonense, publicou o seu primeiro trabalho historico que intitulou *Causas da decadencia dos povos peninsulares nos seculos* XVII e XVIII.

Em 1872 é lida com avidez e applauso geral uma serie de estudos a que Anthero de Quental chamou *Considerações sobre a Philosophia da Historia Litteraria Portugueza*.

D'este trabalho, diz o proprio auctor, n'essa encantadora simplicidade com que domina todos que se lhe aproximam:

«Creio que é ainda assim, o que fiz de melhor, ou pelo menos, de mais rasoavel, em prosa. Confesso sinceramente que dou muito pouca importancia a todos esses meus escriptosinhos de occasião e até, ás vezes, preciso de certa força de reflexão, para não me envergonhar de ter publicado tanta cousa pouco pensada. E todavia era applaudido! Porque? Em primeiro logar, creio eu, porque os que me applaudiam não pensavam, ainda assim, mais nem melhor do que eu. Em segundo logar, porque me concedeu a natureza o dom da prosa portugueza, não da prosa de convenção, arremedando o estylo dos seculos XVI e XVII, mas d'uma prosa que tem o seu typo na lingua viva e fallada hoje, analytica já nos movimentos da phrase, mas na linguagem ainda e sempre portugueza.»

As *Odes Modernas* veem em 1865 affirmar An-

thero de Quental como um poeta de raça. E em 1872 publicam-se as *Primaveras Romanticas* contendo os *Juvenilia* que deram a Quental o titulo de *Heine Portuguez*.

De 1874 a 1880 quasi o grande poeta desapparece da arena das lettras, prostrado por uma doença gravissima; doença nervosa de que parece não ter podido restabelecer-se.

Foi por isso que houve, como um grito geral de alegria em todo o paiz, quando em seguida á affronta ingleza o nobre Anthero de Quental é eleito, por acclamação, presidente da Liga Patriotica do Norte!

E' que todos rejubilaram por ver de novo na lucta o heroico prosador, o genial poeta que tão bem sabe vibrar a alma portugueza, quando todos pensavam não poder contar com elle. A dôr galvaniza cadaveres. A affronta do inglez feriu a Patria no coração de todos os seus filhos. Ninguem ficou inerte: os validos mas pobres, offereceram-se sem condições para o sacrificio por ella. Os ricos offertaram seus capitaes.

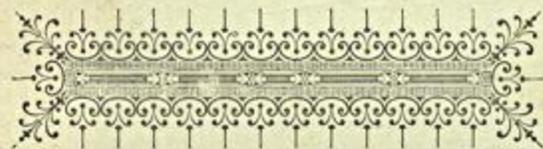
O movimento de revolta contra o inglez é geral, alcança o funccionalismo, o clero, o exercito e os artistas! Keil compõe um hymno de guerra, *A Portugueza*. Junqueiro escreve a *Marcha do Odio*; os bispos iniciam subscripções em favor da defeza nacional...

E' n'este momento que Anthero de Quental resuscita para a vida de combate. A' sua *kaaba* de Villa do Conde o foi buscar o povo, com a fé e com a confiança dos povos primitivos.

Era elle o chefe eleito da *Liga Patriotica* do norte.

Dissolveu-se a *Liga*... isso que importa? Anthero tem por si o Povo e a Academia. E' por elle, pela sua grande Ideia do revivescimento nacional, toda a mocidade das escolas; todo o homem valido que cinja a espada ou use a penna, quer se haja retemperado na Sciencia, ou se purifique no Trabalho.

Anthero de Quental! este nome é hoje o estandarte em volta do qual se agrupam os crentes na regeneração nacional.

Manoel Barradas.

AS NOSSAS GRAVURAS

QUARTO CENTENARIO DA MORTE DA PRINCEZA SANTA JOANNA

O CONVENTO DE JESUS EM AVEIRO

Completou-se no dia 12 do corrente o quarto centenario da princeza Santa Joanna, e por esse motivo a confraria erecta no convento de Santa Joanna, em Lisboa, commemorou este centenario com uma grande procissão, convidando todas as corporações religiosas e estabelecimentos pios a concorrerem a esta festa religiosa, em que se rendia preito á virtuosa princeza de Portugal.

No dia 11 foi a imagem da santa princeza conduzida processionalmente do convento de Santa Joanna para a Sé, e no dia seguinte voltou da Sé para a sua egreja, com grande solemnidade.

Sahiu da Sé pelas 11 horas da manhã a procissão, em que tomou parte grande numero de irmandades, collegiadas, os asylados dos asylos municipaes e do de Maria Pia, o Cabido da Sé com as basilicas e guião, e uma força do regimento de caçadores n.º 2 com a respectiva banda, indo tambem as bandas de caçadores n.º 5 e de infanteria n.º 7.

Ao recolher da procissão cantou-se um solemne *Te-Deum*, com que terminou a commemoração do quarto centenario da virtuosa filha de Affonso V, depois canonisada pela egreja.

A respeito d'esta princeza encontramos na excellente obra do sr. Francisco da Fonseca Benevides, intitulada *Rainhas de Portugal*, a seguinte noticia, que melhor do que tudo que fossemos desenterrar do pó dos archivos, por onde o auctor andou investigando, diz o que se sabe a respeito da infanta D. Joanna filha de D. Affonso V.

«Do matrimonio de D. Affonso V com D. Izabel de Lencastre houve tres filhos; dois principes com o nome de João, e a princeza Joanna.

O primeiro principe D. João morreu de tenra edade.

O segundo principe D. João nasceu em Lisboa a 3 de maio de 1455 e foi rei de Portugal.

«A infanta D. Joanna nasceu em Lisboa, a 6 de fevereiro de 1452; ainda no berço foi jurada herdeira da corôa, por não haver então outros successores: por isso lhe deram tambem o titulo de princeza. Foi esta infanta muito dada a devoções e praticas religiosas desde tenra edade, e não quiz casar-se, regeitando successivamente todas as propostas de casamento que seu pae lhe apresentou.

Pretendeu D. Affonso V casar sua filha D. Joanna com o delphim de França, filho de Luiz XI; depois pretendeu casal-a com Maximiliano, filho do imperador Frederico e da infanta D. Leonor de Portugal; mais tarde quiz dar-lhe por esposo Carlos VIII, rei de França, e, finalmente, Henrique VII, rei de Inglaterra. Contam que, n'estes ultimos dois casos, a infanta, como que inspirada, respondera que annuiria ao casamento se os noivos propostos ainda vivos fossem, isto porque sua alma havia advinhado que tinham morrido. Estes milagres foram, porém, mal imaginados, pois que Carlos VIII de França morreu sendo casado com Anna de Bretanha, e Henrique VII de Inglaterra sobreviveu a sua mulher, Isabel de York, a qual morreu depois da infanta portugueza.

Ficou a infanta D. Joanna governando o reino durante a ausencia de seu pae. Existe no archivo municipal de Coimbra uma carta d'esta infanta, de 7 de setembro de 1471, participando á cidade a tomada de Arzila e Tanger.

Das narrações aduladoras, e por vezes servis, que alguns dos nossos chronistas fazem das vidas das pessoas reaes, e que por banaes se reproduzem quasi que do mesmo modo em muitas biographias, resulta ser muitas vezes difficil apurar a verdade, quando algum facto, que brilha atravez dos elogios, os não vem attenuar ou contrariar. A respeito da princeza D. Joanna, filha de D. Affonso V, não se cançam varios historiadores de louvar sua caridade, e, principalmente, a sua piedade christã, que a levou a tomar o habito de religiosa, e que fez dar-lhe culto na egreja catholica, o que o papa Innocencio XII concedeu a pedido de D. Pedro II, beatificando-a por breve de 4 de abril de 1693.

Por amor da verdade e da justiça não nos podemos eximir a citar, como actos de pouca santidade e abnegação, os que praticou esta infanta durante a terrivel peste que, no seu tempo, por vezes assolou Portugal. Quando o terrivel flagello espalhava o seu mortifero contagio pela povoação aterrada, ceifando a vida de tantos desgraçados, que muitas vezes se viam abandonados pelos seus parentes ou amigos, os quaes frequentemente, no seu pavor egoista, só procuravam fugir dos logares empestados, vindo a miseria, e a falta absoluta de hygiene, que n'estas epochas havia, ainda mais aggravar os males que affligiam os que tinham sido atacados do terrivel flagello, ninguem viu a piedosa princeza D. Joanna levar soccorros aos necessitados e consolação aos afflictos, nem dar o exemplo de coragem, abnegação e caridade, que capaz fosse de estimular a pratica de taes virtudes n'aquelles que, olvidando os sublimes deveres do sangue e da affeição, só cuidavam de pôr suas egoistas pessoas fóra do alcance da molestia,

A princeza D. Joanna, que com outras companheiras se entregava a grandes penitencias, fustigando-se com cilicios e disciplinas, até ficar banhada em sangue, precedendo de certo modo os *convulsionarios* do seculo XVIII, mal apontava a mortifera peste logo lhe fugia, abandonando os miseros atacados da terrivel molestia, junto aos quaes mais caridade seria velar pelo seu tratamento e suavisar a sua triste sorte. E o que succedeu em 1479, quando, achando-se em Aveiro, apenas se declarou a peste logo d'alli fugiu, sendo acompanhada até Aviz pelos bispos de Coimbra e do Porto. Mais tarte, reinando D. João II, sendo a villa de Aveiro outra vez visitada pela molestia, a infanta fugiu para o Porto. Depois de extincta a epidemia voltou a princeza para Aveiro, indo viver no convento de S. Domingos, praticando os deveres da ordem como qualquer religiosa, apesar de uma junta de physicos (medicos) haver, em presença de el-rei, declarado que a vida ascetica e de rigores, a que se dava a infanta, prejudicava gravemente a sua já deteriorada saude.

Conta-se que falleceu a princeza D. Joanna envenenada, por uma senhora rica e poderosa, de Aveiro, cuja vida dissoluta provocara as admoestações da filha de D. Affonso V, a qual, vendo quão inefficazes eram as suas exhortações, obrigou a dita dama a sair da villa, pelo que, passados alguns annos, a expulsa peccadora tomou vingança da princeza, deitando veneno em um pucaro de agua que lhe era destinado.

O mal atacou fortemente a princeza, que, por algum tempo, ficou apenas com as mãos e a lingua livres, entregando a alma ao Creador a 12 de maio de 1490. Não faltaram a citar milagres por occasião da sua morte; assim, contam que o seu rosto ficou córado e com as bellas linhas da mocidade; e quando o seu cadaver passou pelo jardim do convento todas as arvores seccaram para sempre. El-Rei D. Pedro II mandou-lhe fazer um rico mausoleu, fazendo-se a trasladação no dia 10 de outubro de 1711, no reinado de D. João V; estava então o seu corpo reduzido a esqueleto, do qual se tiraram varios ossos como reliquias. Tinha feito testamento, deixando os seus bens ao mosteiro».

O convento de S. Domingos a que o sr. Benevides se refere, é o convento de Jesus da ordem de S. Domingos, fundado por D. Affonso V, em Aveiro, para n'elle se recolherem D. Brites Leitoa e suas filhas D. Maria e D. Catharina de Athayde, D. Mecia Pereira, da casa dos condes da Feira e uma sua irmã dama do paço, e D. Leonor de Menezes da casa de Vianna.

Foram estas senhoras as primeiras freiras d'este convento, que foi largamente dotado com todos os bens que possuia D. Brites Leitoa, viuva de Diogo de Athayde, da casa de Athouguia.

A primeira pedra d'este convento foi lançada com grande solemnidade por D. Affonso V e o bispo de Coimbra D. João Galvão a 15 de janeiro de 1462, sendo a bulla que auctorisava a criação do convento, do papa Pio II de data de 16 de maio de 1461.

O que hoje existe d'este edificio não é da primitiva fabrica, na sua maior parte.

Uma das cousas que ainda se conserva é a cruz bizantina talhada em pedra, e que está no atrio do templo. Esta cruz é um exemplar de valia do seu estylo.

Desejariamos publicar algum retrato da santa princeza se o houvesse, mas não ha, como não ha de muitos outros personagens da mesma epoca, de que aliás apparecem alguns retratos apocriphos.

APONTAMENTOS SOBRE A MARINHA DE GUERRA DOS DIVERSOS PAIZES

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

(Concluido do n.º 408)

A maior artilheria da nossa marinha é a do Couraçado, com 2 canhões de 18 toneladas, e os nossos navios de maior andamento são o couraçado que anda 13,20 milhas e o cruzador de 3.ª classe *Affonso de Albuquerque* 12 milhas.

A China tem 5 couraçados e 17 navios não couraçados, todos modernos com andamento de 15, 16 e 18 milhas por hora, a sua maior artilheria é de 10 e 37 toneladas e nós que temos ali Macau, que precizamos de defender, temos o que já demonstramos.

Isto quanto a navios, emquanto a pessoal, temos officiaes combatentes 265 com os seguintes postos:

2 vice-almirantes, 8 contra-almirantes, 23 capitães de mar e guerra, 33 capitães de fragata, 46 capitães-tenentes, 75 primeiros tenentes, 61 segundos tenentes, 17 guardas marinhas.

Estes officiaes estão em serviço nas differentes commissões de que está incumbida a nossa marinha de guerra, quer no mar quer na terra.

O corpo de medicos navaes tem 50 facultativos de differentes classes, incluindo um chefe de serviço de saude naval e primeiro inspector, com a graduação de capitão de mar e guerra.

O corpo dos constructores navaes tem 1 inspector, com a graduação de capitão de mar e guerra, 6 engenheiros de differentes classes e 4 aspirantes de 1.ª e 2.ª classe.

O corpo de machinistas navaes é composto de 41 machinistas, incluindo 2 sub-chefes com a graduação de capitães-tenentes; de 41 ajudantes machinistas de 1.ª e 2.ª classe, com a graduação de aspirantes de marinha, e mais um numero variavel de ajudantes machinistas de 3.ª classe; 15 machinistas conductores, theoricos, com a graduação de guardas marinhas e 59 conductores de machina de differentes classes.

O corpo de officiaes de fazenda é composto de 50 officiaes com differentes classes e graduações.

Existem na armada 8 capellães, encarregados da instrucção dos alumnos marinheiros de Lisboa e Porto, embarcados nos navios que por lotação lhes compete o capellão, no hospital de marinha e no corpo de marinheiros.

O corpo de marinheiros tem actualmente no estado completo 2:585 praças, estando n'este nu-

mero incluidos o commandante, officiaes commandantes, subalternos de companhias e officiaes inferiores.

Tem destacadas nos navios citados 2:062 praças, estando por conseguinte no respectivo quartel apenas 523 praças.

A este corpo está addida uma divisão de veteranos, que conta 443 praças, incluindo 1 commandante, official de marinha reformado.

O commando geral da armada pertence a um vice-almirante e é desempenhado actualmente pelo vice-almirante o ex.mo sr. José Baptista de Andrade.

O cargo de almirante pertence a Sua Magestade. Como acabamos de demonstrar não é com tam pouca gente que podemos fazer o serviço bem em tempo de paz, quanto mais deffender as nossas possessões, que são bastantes, e muito distanciadas, em tempo de guerra.

Precizamos pelo menos de 10:000 homens de marinha; attenda-se pois a esta necessidade que é urgente, para que não voltemos a soffrer uma nova vergonha como aquella porque acabamos de passar, e deixemo-nos de gastos luxuosos e superflos como por ahi ha.

Acabamos de ver que no seculo actual não se respeitam tratados, e o que ainda é mais algumas nações ha que não entraram n'elles, especialmente no que diz respeito a corsarios como a Hespanha e Russia, e como a ambição se vae desenvolvendo muito, não admira que depois do primeiro passo dado contra nós, algum outro paiz tambem entenda que isto é presa boa, e o queira experimentar. Como nos havemos de defender? E' com o que temos?

Isso todos conhecem que é impossivel. Então porque não tratamos já de ir procurando alargar a nossa marinha de guerra, vamos protegendo tambem a mercante, obrigando a que os seus navios a vapor possam ser artilhados em caso precizo, e aproveitados como transportes, etc.

E já que fallamos em marinha mercante, digamos de passagem que a nossa chegou ao peior estado possivel, e senão veja-se. Importamos o ferro, o assucar, o chá, as madeiras, o carvão, etc., inclusivé até o proprio trigo que aos milhões de moios nos vem annualmente da America, Russia etc., quantos navios portuguezes andam empregados n'estes transportes? Nenhum, só nos recorda de uma ou duas viagens feitas pela barca portugueza *Tentativa* da America para Lisboa. Vêem austriacos, italianos, inglezes, francezes, noruegüezes etc., porém portuguezes não, alguns que por ahi navegam é apenas para Cabo Verde e Açores.

E' pois justo que nada fique em projectos, tanto marinha de guerra como mesmo mercante, é preciso que possamos concorrer com essa alluvião de vapores e navios de vella estrangeiros que ahi andam tirando os lucros que a nossa marinha mercante podia auferir.

Para findar, mas seguindo sempre o caminho recto que traçámos, perguntamos qual a razão porque nos poucos vapores que temos mercantes, vemos quasi sempre empregados como primeiros, segundos e terceiros engenheiros, subditos inglezes?

Não haverá portuguezes habilitados?

Parece-nos que sim.

(Continúa) *Grumete.*

ANTONIO PEREIRA DA CUNHA

Antonio Pereira da Cunha nasceu em Vianna do Castello a 9 de abril de 1819, e é certo que um dos poetas mais notaveis d'esse tempo, João Evangelista Sarmento, lendo no futuro, adornou com uma ode o berço do recemnascido, para o qual invocava a protecção das musas.

Todos sabem que aos treze annos compoz as suas primeiras poesias em verso latino, e que aos sessenta e nove publicava no numero unico *Lisboa-Porto* este elevado pensamento — ultimas linhas que vi assignadas por elle:

«As corôas murcham; as lagrimas seccam. As melhores offertas ás cinzas dos mortos são a oração e a esmola.»

Tanto basta para logo se reconhecer que as lettras foram o enlevo principal da sua pura e brilhante existencia, cuja actividade repartiu com os cuidados da politica, já na imprensa, já no parlamento.

Homem de bem, antes de tudo, que tomára para lemma do seu viver estes bellos versos de Sá de Miranda:

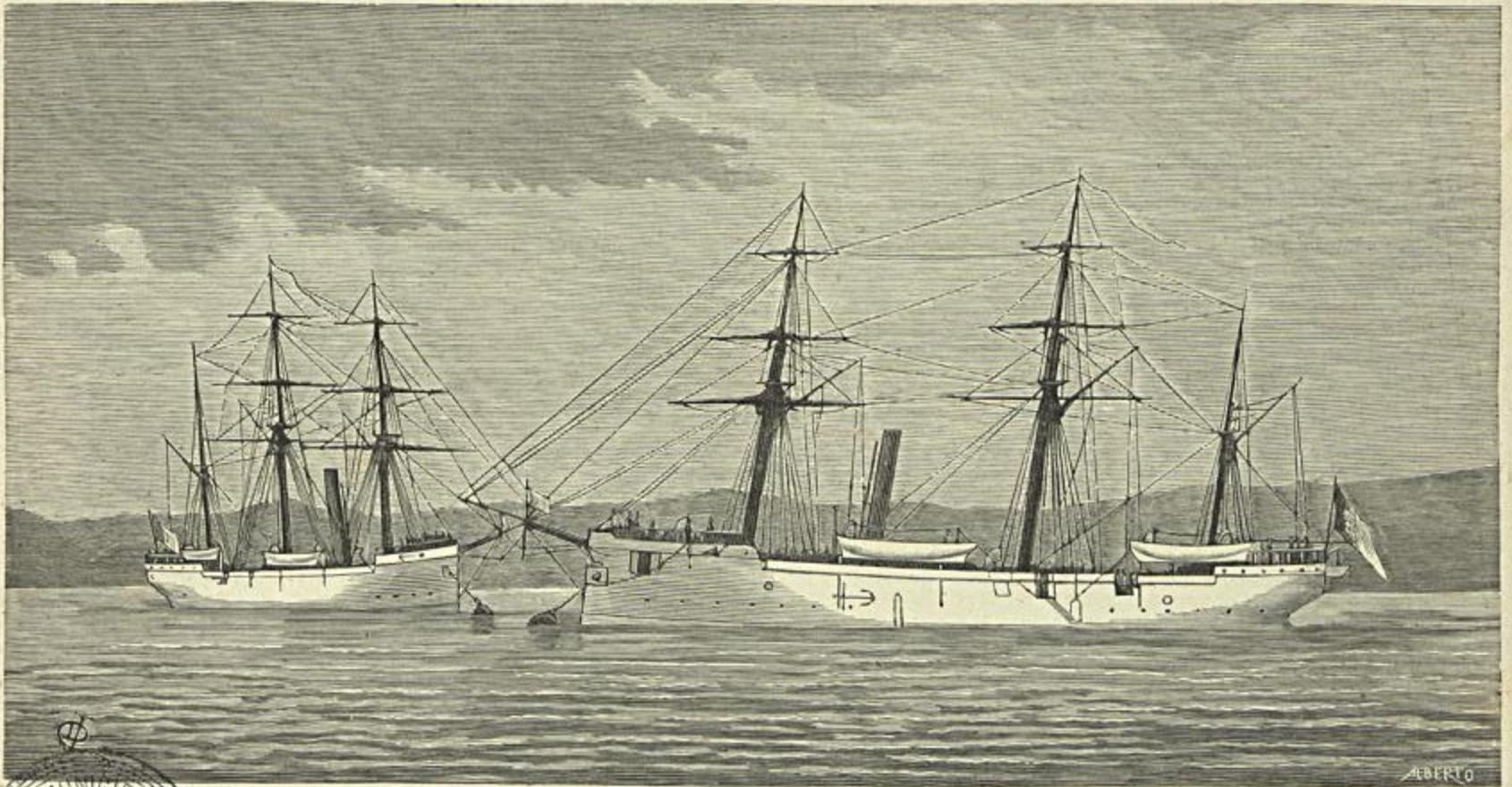
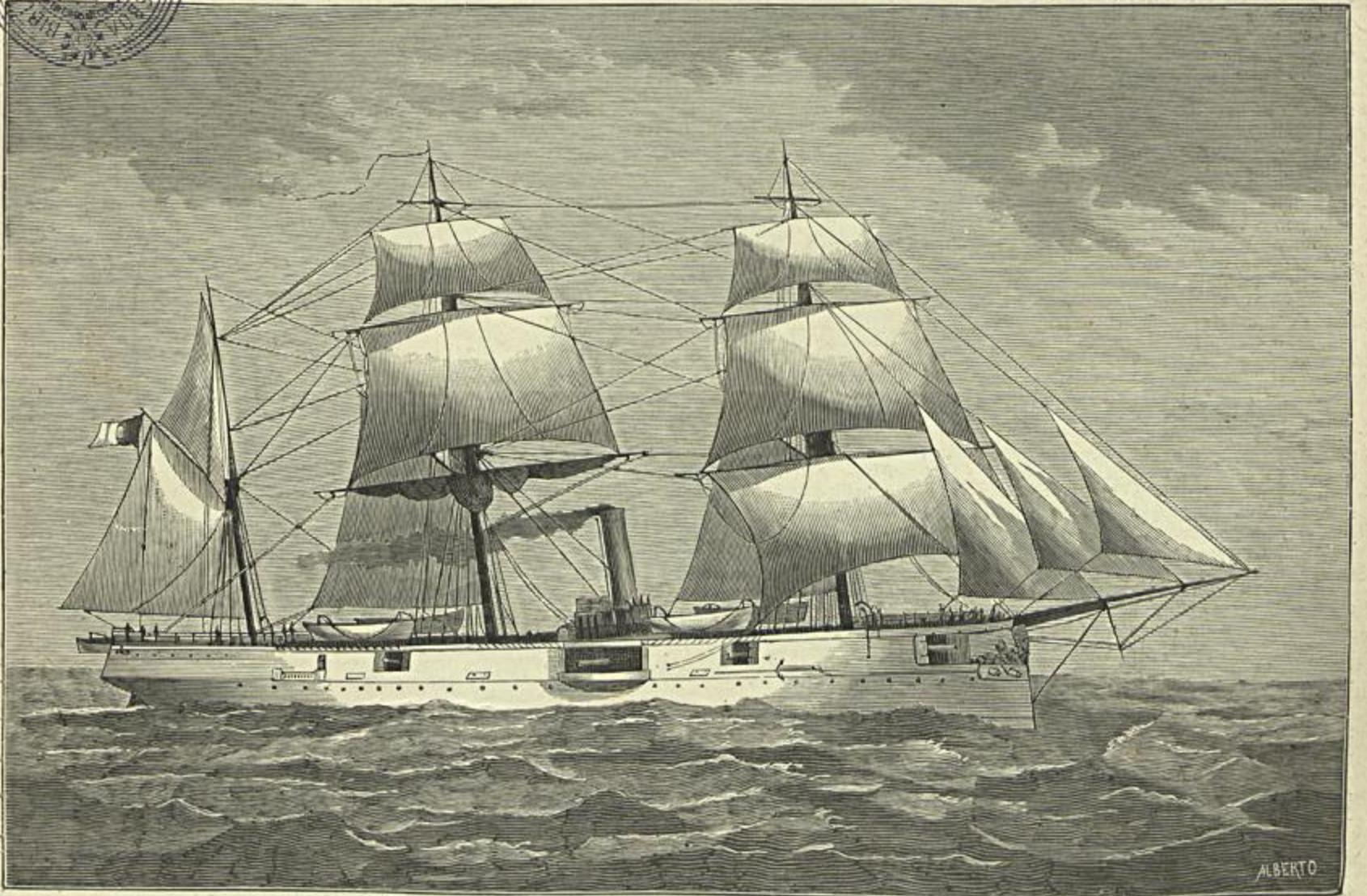
> Homem de um só parecer,
> De um só rosto e uma só fé,
> De antes quebrar que torcer,

poeta, romancista, dramaturgo, escriptor fluente e sempre esmerado de interessantes narrativas historicas, jornalista, deputado e por ultimo tambem chefe do partido realista, foi sem duvida bem merecido o renome e a estima que soube gran-

QUARTO CENTENARIO DA PRINCEZA SANTA JOANNA

CONVENTO DE JESUS, EM AVEIRO ONDE VIVEU E FALLECEU A PRINCEZA SANTA JOANNA

(Segundo uma photographia)

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

CANHONEIRAS «ZAIRE» E «LIBERAL»

O CRUZADOR DE 3.ª CLASSE «AFFONSO DE ALBUQUERQUE» — Vid. art. Apontamentos sobre a Marinha de Guerra dos diversos paizes

(Desenhos de J. Dantas)

gear entre os seus contemporaneos, ainda os mais illustres.

Senhor de avultados bens de fortuna, tinha da mesma sorte muito gosto artistico, de que é testemunho o magnifico castello com pontes levadiças, fossos, ameias e torre de menagem, que possuia nos arrabaldes de Vianna do Castello.

Cabendo-me a distincção de registar aqui os successos mais notaveis da sua vida, tratarei em primeiro logar do homem, e do escriptor em segundo logar.

I

Antonio Pereira da Cunha descendia de nobre estirpe. Foram seus paes: Sebastião Pereira da Cunha e Castro, fidalgo da casa real, coronel de milicias, posto em que se distinguiu na guerra da Peninsula, senhor da torre solar de Cunha, na freguezia do mesmo titulo, do concelho de Coura, que D. Affonso V restituiu em 1463, como paga de serviços feitos em Africa, a Vasco Fernandes da Cunha, a cujos ascendentes D. Fernando I a havia tirado, com as terras de Silvares e Vidigal, na Beira, em 1370, conforme consta de documentos existentes no seu cartorio; e D. Anna de Agorreta Pereira de Miranda, da casa do *Paço d'Anha*, onde esteve escondido o Prior do Crato depois da batalha da Ponte de Alcantara em 1580, até embarcar para França, disfarçado em marinheiro, no caes de Dorque, junto de Vianna.

Cedo rebentou na tenra vergontea de tão preclaro tronco o verdadeiro amor das lettras e a ambição elevada de illustrar o nome herdado, imprimindo nas producções do seu engenho um cunho de primoroso relevo. Continuando com muito aproveitamento os seus estudos, estava prompto aos quinze annos para entrar na Universidade de Coimbra, quando, tendo-se empenhado a guerra civil, o triumpho definitivo da causa liberal o fez desviar do seu proposito.

Alistando-se na politica militante, entrou na redacção da *Nação*, quando esta folha era uma das mais bem escriptas de todo o paiz, e contava entre os seus redactores Manoel Maria da Silva Bruschy, Gomes de Abreu e João de Lemos. Ahi mostrou quanto valiam os dotes do seu espirito, como polemista, e a isso deveu por ventura ser nomeado por D. Miguel de Bragança, em 12 de abril de 1847, secretario do governo que devia constituir-se para dirigir a sua causa. E quando o partido, a que foi sempre fiel, resolveu ter representação no parlamento, Antonio Pereira da Cunha, eleito em 1856 pela terra da sua naturalidade, veio á camara em companhia dos seus illustres correligionarios, os srs. Pinto Coelho e Estevam Palha.

Levantando-se por essa occasião a questão do juramento, e, não lhes tendo sido permittido dar explicações, tiveram que sahir do parlamento, embora todos os seus collegas manifestassem vivo pezar com a retirada d'esses homens que, honrando sem duvida a representação nacional, symbolisavam ao mesmo tempo as idéas e as crenças de uma minoria respeitavel. Sobreveiu depois um accordo, originado de bem entendida tolerancia politica, e os mesmos deputados, depois de darem explicações do seu proceder n'um officio dirigido á camara, foram admittidos a jurar e tomaram assento em côrtes. Pereira da Cunha foi eleito deputado mais uma vez em 1861. E entrando em varias discussões, foi ouvida sempre com a maxima attenção a sua palavra fluente e persuasiva, porque exprimia convicções sinceras, e porque a enaltecia uma forma delicada.

Deu-se na sua vida um facto que define cabalmente quanto foram profundas e inabalaveis as suas crenças politicas.

Era ministro de Hespanha em Lisboa, em 1881, o sr. Fernandez de los Rios, que tinha resolvido dar uma festa, na noite de 31 de março, em homenagem ao fecundo e harmonioso poeta visconde de Castilho. Ia lêr-se no palacio da legação hespanhola a traducção em verso do *Fausto*, de Goethe. Pereira da Cunha, sem ser visita do ministro, foi um dos convidados.

Terminada a leitura do *Fausto*, entre os applausos de todos os assistentes que se deleitaram em ouvil-a, o addido Calvo Assencio, leu uma ode do seu patricio Garcia Guttieres, feita em honra d'el-rei D. Amadeu, na qual era encarecida a perfeita homogeneidade dos reinos de Italia e de Hespanha.

Pereira da Cunha sahiu da sala apenas lhe foi possivel, e no dia immediato leu nas folhas periodicas que a festa fôra politica e que o sr. Fernandez de los Rios, antes d'ella acabar, mandara para Madrid ao auctor da ode o telegramma seguinte:

«Cem poetas e escriptores portuguezes, que honraram esta noite a minha casa para a leitura de um magnifico trabalho do eminente poeta Castilho, acabam de ouvir a sua ode e auctorisam-me a transmittir-lhe um applauso *unanime*».

Este caso causou grandissima surpreza no animo de Pereira da Cunha, que logo fez uma declaração para ser divulgada pela imprensa. Não querendo, porém, de modo nenhum faltar á mais elementar cortezia, e ao respeito que devia ao ministro e a si mesmo, mandou-lhe uma copia d'ella, pedindo licença para ser publicada nos jornaes.

O sr. Fernandez de los Rios foi logo em pessoa a casa de Pereira da Cunha, a quem, dando muitas desculpas, louvou o seu nobre procedimento, e ainda depois de voltar para Madrid, continuou mantendo sempre com elle estreitas relações de amizade.

No dia em que completou setenta e um annos, isto é, a 9 do mez passado, sentiu se doente. Estava muito abatido, e a enfermidade, primeiro classificada de *influenza*, declarou-se pouco depois uma pneumonia, tornando-se gravissimo o seu estado. A terrivel molestia apoderou-se de tal modo do seu cançado organismo, que em breve se perderam todas as esperanças de o salvar. Os esforços da sciencia e os desvelos da familia, foi tudo inutil.

No dia 18 pela manhã recebeu os sacramentos da Egreja e ás quatro horas da tarde rendia a alma a Deus na sua casa da rua de S. Vicente, d'esta cidade.

Foi tranquillo o seu passamento, indicado por uma ligeira inclinação de cabeça em que a deixou pendida.

«O partido legitimista está de luto — dizia com verdade o *Diario de Noticias*, annunciando a sua morte — e de luto está egualmente o paiz, porque homens do talento e da tempera moral de Pereira da Cunha não são hoje vulgares.»

Assim desappareceu um dos vultos mais distinctos e respeitaveis da nossa litteratura, em quem todos notavam a presença e as maneiras agradaveis, a affabilidade do trato e a austeridade do caracter. Dotado egualmente de extraordinaria modestia e de uma organisação excessivamente nervosa, diz o esclarecido auctor dos *Homens e lettras* que elle só estava bem ao lado de poucos mas escolhidos amigos, no seio da familia, no campo ou n'algum recesso onde não chegasse o *brouhaha* das praças, nem o estridor das luctas sociaes, nem o clarim das pugnas partidarias — estremecendo, retrahindo-se e escondendo-se mais na sombra quando se via ameaçado de lhe proferirem o nome em publico, de o biographarem, de lhe apreciarem os versos que escrevia por necessidade do temperamento.

(Continua) *Alberto Telles.*

SERPA PINTO E VICTOR CORDON

(Concluido do n.º 409)

VICTOR CORDON

Francisco Maria Victor Cordon nasceu em Estremoz a 15 de março de 1852. Sentou praça em Caçadores n.º 5, em 1871, e em 1877 foi para Africa a bordo do *India*, fazendo parte de uma expedição enviada pelo governo, em que elle era commissionado para a construcção da linha telegraphica de Cuanza a Loanda pelo Dondo.

Foi este o seu primeiro serviço em Africa, serviço importante pela maneira porque o desempenhou.

Em seguida emprehendeu a construcção da ponte sobre o rio Lucalla, concluindo esta obra brilhantemente, atravez de todas as difficuldades que se lhe opposeram, e com grande proveito para a provincia.

A execução d'esta obra valeu lhe os mais levantados elogios por parte do governo da provincia e povo da localidade, e o governo da metropole distinguiu com uma portaria de louvor e o habito de Christo.

Esta primeira viagem de Victor Cordon a Africa, assignalada por tão importantes serviços, foi a precursora da sua viagem ao Sanhati, em que elle tinha de passar pelas mais custosas provações, que aguardam sempre o explorador africano atravez do sertão.

Victor Cordon sahiu de Lisboa para esta viagem, em 9 de julho de 1888, a bordo do vapor *Grantuly-Castle*. Acompanharam-no até Quelimane Antonio Cardozo e Paiva de Andrada.

Preparada a expedição em Quelimane, seguiu Victor Cordon para o Inhamissengo, e subiu o Zambeze até perto de Massangane e Grande, onde encontrou o governador sr. conselheiro Augusto de Castilho, que ali estava por causa da guerra do Bonga.

Esta circumstancia obrigou-o a demorar-se em Grande tres mezes, auxiliando a guerra contra aquelle potentado.

Terminado este incidente, seguiu viagem, e a 25 de dezembro chegava a Tete, tomando então o Massanangue affluente do Zambeze e chegado á cachoeira Caulabassa teve que mudar de carregadores, pois n'este ponto se retiraram os que trazia.

Em Chicoa encontrou o potentado que ali vive, Ignacio de Jesus Xavier, alcunhado o Cazizamimbu, que quer dizer temerario e temido.

Demorou-se pouco em Chicoa e dirigiu-se para Zumbo, viagem cheia de contratempos, produzidos pelas chuvas e pela fome, que lhe victimou alguns dos seus carregadores.

A 16 de fevereiro de 1889 chegou finalmente a Zumbo, onde foi muito bem recebido pelo potentado Arujo Lopo, o Matequenha, que vive na margem direita do Zambeze.

Este potentado é dos mais civilisados e tem mandado educar os seus filhos em Lisboa. É muito dedicado aos portuguezes e prestou bons serviços a Victor Cordon, acompanhando-o d'ali em diante e ajudando-o a organisar a expedição, assim como o sargento-mór de Messingua e o do M'ssanda-Luz.

Conseguiu Victor Cordon reunir uns mil e quinhentos homens na sua expedição, e assim emprehendeu a viagem até o Panhame, onde chegou a 8 de junho.

Vive ali o regulo Chipuril, o qual veiu comprimentar Cordon e pedir a bandeira portugueza para o seu povo, declarando que era esta bandeira a unica que reconhecia, e que queria com ella defender-se dos Matabeles.

Victor Cordon satisfez os desejos de Chipuril. Deu-lhe bandeiras que foram logo içadas, e recebeu o termo de vassalagem para o rei de Portugal, assignado pelo regulo e os seus grandes.

Em Maconde repetiram-se as mesmas demonstrações de obediencia por parte do regulo Inhamaconde, o qual tambem pediu bandeiras portuguezas para içar nos seus dominios, que são grandes, e renovou os seus protestos de vassalagem, de que se firmou acto publico.

Esta vassalagem foi celebrada com grandes festas e presentes para a gente do rei, como Inhamaconde chama aos portuguezes.

Inhamaconde quiz acompanhar Cordon até á confluencia do Sanhati com o Muffui onde reside o regulo Choto.

N'esta viagem observou Victor Cordon vestigios dos portuguezes, encontrando no matto muitas laranjeiras e limoeiros, incultas, mas que deviam ter sido postas ali pelos jesuitas portuguezes. Tambem soube que por aquellas paragens ha minas de ouro, no que mais se confirmou por conhecer signaes de influencia ingleza n'aquelles povos.

Foi no dia 18 de julho de 1889 que Victor Cordon, inaugurou na foz do Sanhati a aringa Luciano Cordeiro e a Villa Amelia.

Esta inauguração foi celebrada com ruidosas festas dos regulos e povos d'aquelles sitios, e Victor Cordon, nos quatro mezes que se demorou na Villa Amelia, recebeu a vassalagem para o rei de Portugal de todos os regulos da margem esquerda do Zambeze até proximo de Sinamane.

Os Matabeles procuraram Victor Cordon para saberem se elle ia fazer-lhes guerra, o que bem mostra quanto aquelles povos se acham mal dispostos contra nós pelas intrigas dos inglezes.

Victor Cordon tinha chegado ao termo da sua missão e conseguira-o gloriosamente para Portugal.

O regresso da sua viagem para Quelimane foi cortado por difficuldades e por ovações. Para se consolar da fome que passou, teve uma recepção festiva em Zumbo.

Em Inhacoe prendeu o assassino e ladrão Cicoongo e mais dez companheiros. Estes heroes tinham morto e roubado o portuguez Costa e um filho de seis annos, a mulher de Costa e outro filho de colo, abandonando os cadaveres no meio do matto.

Chegado a Quelimane a 25 de outubro de 1889, entregou ali os presos ás auctoridades portuguezas.

Eis, em resumo, o que Victor Cordon communicou por emquanto da sua viagem ao Sanhati.

A. S.

OS MEUS FILHOS

Eu goso o ceu, quando os seus olhos vejo!
— Fallam-me — escuto muzica divina!
— Beijam-me — e quanto amor em cada beijo!

Festa que venha d'essa mão tão fina,
Prende-me o coração — prisão gostosa!
E é como a luz que a vida me illumina!

Dão-me um abraço e são hera viçosa,
Enfeitando-me o tronco da existencia,
Com listões de folhagem venturosa!

Brincam e vem-me em risos d'innocencia
Um perfume do calix de mil flôres,
E é urna esta alma para tal essencia!

São como sol de vivos esplendores
Os risos, que desenham no seu rosto,
— E teem os rostos tão... encantadores!

Nuvem que venha, nuvem de desgosto,
Para toldar-me as horas d'alegria,
Tal como nuvem antes do sol posto,

Elles a varrem como o astro do dia,
Que banha jubiloso a Natureza,
E a emoldura em ondas de harmonia!

Não sei de mais encanto e mais belleza,
De carinho maior e mais discreto,
Mais isento de sombras de tristeza!

Por elles vivo e d'elles, n'este affecto,
Em que, quanto mais vida gasto, mais
O meu viver se alonga e é mais completo!

Como o aroma da flôr dos laranjaes,
Que se evola, se expande e se dilata,
Tal como solto de urnas de crystaes,

O meu amor por elles se desata,
Como o d'elles por mim desdobra e augmenta,
— Vida por vida — mutação tão grata!

São elles quem a minha fé sustenta,
Quem mais bella ventura me fornece,
E quem mais docemente me contenta!

Quem me faz do trabalho como a prece,
Que tanto o anima, e rejubila, e inspira,
E que de tantos lyrios o guarnece.

Canto — e é por elles ainda que suspira,
Algumas notas mais melodiosas,
A minha timida e modesta lyra!

Sonho — e se ha no meu sonho algumas rosas,
E' sempre pela ardencia do desejo
De ver as minhas aves venturosas!

E quando o meu pensar, em longo adejo,
Levo — vidente — pelo tempo adiante,
Deus sabe o que para meus filhos vejo!...

Quando do meu lidar duro e constante,
Entro no lar, para buscar conforto,
— Quantas vezes cançado e agonisante! —

Como galera no almejado porto,
Renasce logo em mim uma alvorada,
Rapido passa o triste desconforto!

E em cada cabecita delicada,
Como sol que minha alma tranquillisa,
Entre as ondas da vida, soçobrada,

Vem-me uma doce e carinhosa brisa,
Que me serena e restitue o alento,
E o meu revolto mar acalma e alisa!

Depois... atraz do floreo monumento,
Que a minha immaculada fé sustem,
Na musica do magico convento,

Ergue-se meiga e radiosa a MÃE!
Ella, que nós amamos tanto e tanto,
Que n'elles se revê, como eu, tambem!

E todos n'esse delicado encanto,
Que faz da vida um lago transparente
D'um aureo sonho, bom, alegre e santo,

Como um, unidos, amorosamente,
Pobres, embora, alegres navegamos,
Do santo amor na limpida corrente,

Porque um por todos, todos nos amamos:
— A nós os nossos filhos como a pais,
— E nós a elles como o tronco aos ramos,
Na floresta dos sonhos ideaes.

Alfredo Campos

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XXI

— Não, da Emilinhas, não tem a mamã rasão de queixa, tornou a Ignacinha muito justiceira.

— Tu não sabes o que dizes! reprehendeu a mãe, não gostando que lhe fossem á mão, és uma creança, não conheces nada o mundo!

— Não senhora, insistiu a menina Leitão, agarrada á sua, a Emilinhas é boa rapariga, é muito serviçal, é muito obsequiadora, está sempre prompta para tudo, e mesmo a mamã que assim falla d'ella, deve-lhe tambem bastantes favores...

— Favores? Eu? Ora essa! retorquiu a sr.ª Leitão começando a embespinhar-se. Favores? Pago-lhe todos com um bochecho d'agua...

— Não é tanto assim...

— Ignacinha, tu não me desmintas, respondeu a sr.ª Leitão, agarrando-se á sua auctoridade materna.

— Eu não desminto a mamã, mas realmente custa-me ver ingratidões...

— Ingratidões? Pois tu atreves-te a chamar-me Ingrata? a mim? tua mãe!...

O Dominguinhos assistia a este «dize tu direi eu» muito contrariado e tendo tentado já por varias vezes, sem o conseguir, metter a sua colherada na conversa para deitar agua na fervura: e vendo que as coisas iam tomando mau caminho, que o debate se ia azedando e que mãe e filha já estavam quasi que pegadas, interveio conciliador:

— Não vale a pena estarem a questionar, disse elle.

— Questionar? O senhor está doido! repontou a sr.ª Leitão com nobre altivez.

— Minha senhora...

— Eu admitto lá que uma filha minha questione comigo?...

— Eu não estou a questionar, declarou a Ignacinha começando já a recuar.

— Era o que faltava! Eu não sou d'essas mães com quem se questiona, proseguiu a sr.ª Leitão.

— Pois sim, concordou o Dominguinhos desistindo de se zangar por lhe porguntarem se estava doido, deixando-se de tratar de levantar a phsase injuriosa para o seu bom juiso, pois sim, não estão a questionar, bem sei, mas estão em desacordo, e não vale a pena por tão pouco...

— Oh! lá isso não vale, diz muito bem, approvou a sr.ª Leitão, não vale a pena por causa de certa gente, gastar palavras e tempo...

— A sr.ª D. Ignacinha é amiga da Emilinhas...

— Não sou amiga, protestou a Ignacinha...

— Amiga d'ella tambem eu sou, declarou a sr.ª Leitão.

— Bem se vê que o é, disse ironicamente a Ignacinha.

— Bem se vê que o não és, commentou com a mesma ironia a mãe.

— Seja como fôr, concluiu o Domiguinhos, eu para terminar a contenda vou soltar o Quim...

— Não me importo nada com isso! participou a Ignacinha.

— Não vá, deixe-se de tolices!...

— Nada, vou, porque até me fica bem isso...

— Lá isso fica, concordou a menina Ignacia.

— Soltar aquelle troca tintas! vociferou a sr.ª Leitão. Não faça tal...

— Perdôe-me desobedecer-lhe, minha senhora, tornou o Dominguinhos, grave, solemne, perdôe-me desobedecer-lhe, mas indo soltar o meu adversario obedeço aos impulsos do meu coração generoso...

— Faz muito bem, vá, vá, aconselhou a Ignacinha.

— Faz muito mal, não vá, não vá, opinou a sr.ª Leitão.

O Dominguinhos parou hesitante, sem saber o que fazer, qual conselho seguir, qual das duas contentar.

— Vá! se não vae, fico de mal comsigo, segredou-lhe a Ignacinha.

O Dominguinhos a esta ameaça decidiu-se e deu um passo para a casa da guarda.

— Não vá! se vae, fico de mal comsigo! ameaçou a sr.ª Leitão.

O Domiguinhos cada vez mais embaraçado desfez o passo que tinha já avançado no caminho da estação da municipal.

E para sahir d'entre essas Scylla e Carybdes que lhe tinham appparecido na Praça da Alegria o Domiguinhos teve uma idéa genial: — recorrer á sorte.

Estavam a dois metros se tanto da casa da sr.ª Leitão.

O Dominguinhos então propoz o seguinte alvitre:

— Para não ser desagradavel a V. Ex.ªs, nem a uma nem a outra, resigno-me a fazer-me surdo á voz do coração, e a deixar o destino por arbitro dos meus passos.

— O destino?

— Como?

Perguntaram as duas sem comprehender.

— Sim, explicou o Dominguinhos, nós estâmos ao pé da porta de V. Ex.ª, não é assim?

— Estâmos.

— Se até nós pormos o pé no degrau d'essa porta não sahir da escada ninguem, não vou soltar o Quim.

— Sim senhor, acceitou a mãe.

— Se sahir alguem vou.

— E melhor dizer que não quer ir, commentou meia amuada a Ignacinha.

— Ora essa! exclamou o Domiguinhos. Se eu deixo a resolução á sorte?

— Está bem visto! disse a sr.ª Leitão.

— Pois sim, mas deixa a resolução á sorte, tirando-lhe todas as probabilidades a meu favor.

— Tirando-lhe as probabilidades! como?

— Sim! d'aqui até nós entrarmos na porta, é uma questão d'um minuto, se tanto, e n'um minuro não é natural que saia da escada ninguem.

— Não é natural, não sei porque, contestou a sr.ª Leitão.

— Porque não! na escada não ha tanto movimento, que esteja sempre a sahir gente a todos os minutos.

— Pois se estivesse a sahir gente a todos os minutos, então não era preciso apellar para a sorte, já se sabia que sahia.

— E' claro disse o Dominguinhos.

— Nada; eu não acceito esse alvitre..!

— Deixe-a a fallar, acceito eu, vamos lá.

— Eu não acceito porque não sae ninguem.

— Olhe, lá sahiu um homem, bradou o Dominguinhos.

— E' verdade, exclamou a Ignacinha, vendo sahir um homem da escada, então vá soltar o Quim.

— Nada, não senhor, não vá ordenou a sr.ª Leitão.

— Mas sahiu uma pessoa, disse a Ignacinha.

— Sim senhora, sahiu, confirmou o Dominguinhos dispondo-se já para ir á casa da guarda.

— Pois sim, mas tu declaraste que não acceitavas o alvitre, protestou a sr.ª Leitão.

— E' verdade, concordou o Dominguinhos convencido, e desistindo de ir á casa da guarda.

— Mas a mãmã acceitou.

— Isso é tambem verdade concordou o Dominguinhos, dispondo-se outra vez a ir soltar o Quim.

— Mas tu não acceitaste, e portanto não pode recahir em teu favor a decisão d'um arbitro, que tu nem reconheceste nem acceitaste como tal, ponderou com muita logica a sr.ª Leitão.

— Lá isso é verdade tambem, tornou a concordar o Dominguinhos, tornando a disistir da salvação do irmão da Emilinhas.

— Se queres acceitar esta maneira de consultar o destino, hade começar outra vez a consulta.

— E' o melhor, disse o Dominguinhos.

— Mas agora já estamos mais ao pé da porta do que estavamos, observou muito esperta, não querendo ser embaçada, a menina Ignacinha.

— Tem rasão...

— Voltemos ao sitio onde estavamos, concedeu a sr.ª Leitão recuando.

O Dominguinhos e a Ignacinha, recuaram tambem, mas esta recuou muito mais que sua mãe.

— Nada, ahi é que não, disse a sr.ª Leitão, aqui é que nós estavamos.

— Não senhora, era aqui, tornou a Ignacinha sem arredar pé do sitio em que se collocára.

— Era aqui, teimava a mãe sem arredar pé.

— Era aqui, insistia a filha.

— Nada, não era tanto, nem tão pouco, disse o Dominguinhos muito conciliador, e collocando-se mais atraz que a sr.ª Leitão, mas mais adeante que a Ignacinha para partir a contenda ao meio, aqui é que era.

— Seja ahi.

Concordaram as duas.

E tomaram as duas posições ao lado do Dominguinhos.

— Mas agora, questionou ainda a Ignacinha, as probabilidades são ainda mais a favor da mamã.

— Ora essa! porque?

— Porque tendo já sahido uma pessoa, ha menos probabilidades que saia outra tão cedo.

— Então assim é que não ha maneira de consultar o destino, disse desconsoladamente o Dominguinhos.

— Deixe-a lá, deixe-a lá, acrescentou a sr.ª Leitão.

— Bem sei, é tudo contra mim, não acceito.

— Acceito eu...

— Então temos a mesma coisa d'inda agora: tornou o Dominguinhos, aceita uma, não acceita outra; não pode ser — E' preciso chegarmos a um accordo.

— Olhe, uma cousa, lembrou a mãe.

— O que é?

— Tu não queres acceitar por não haver probabilidade de que saia alguem agora; não é assim?

— Está bem de ver, respondeu a Ignacinha.

— Pois então combina-se o contrario! se sahir alguem, não vae soltar o Quim, se não sahir vae.

— Pois sim, concordou a Ignacinha.

— Está combinado? perguntou o Dominguinhos olhando para uma e para outra.

— Está combinado, responderam ambas.

— Então, vamos lá.

E todos tres avançaram para a porta.

(Continúa). *Gervasio Lobato*

REVISTA POLITICA

Falhou d'esta vez a nossa espectativa, quando esperavamos ter n'esta revista que fallar da resposta ao discurso da corôa, formalidade tão velha como o parlamento, mas que afinal nunca produzio cousa de geito, e só tomou tempo e gastou rhetorica, coisas de que o mesmo parlamento tem sido prodigo, muito principalmente nos ultimos tempos.

O discurso da corôa não se discutio e não se discutiu por proposta da opposição, o que mais é para admirar, mas emquanto a camara resolve não discutir a resposta ao discurso da corôa, afia e prepara toda a sua rhetorica para discutir o *bill* de indemnidade, o que sempre é uma compensação para a rhetorica e para o tempo.

Todos os oradores que ha no parlamento, — que não são todos os deputados, felizmente — se tem inscripto para tomarem parte na discussão que promette ser longa o que não quer dizer que seja fecunda em beneficios para o paiz.

Quem primeiro levantou a questão foi o sr. Emygdio Navarro, que a distrinçou fio por fio, mostrando a inutilidade da dictadura, para a maior parte dos decretos que a mesma promolgou.

Fez ver que grande quantidade d'esses decretos não tiveram immediata applicação, e que só dois ou tres é que se pozeram logo em vigor, e foram os da lei de imprensa, reunião e theatros, o de augmento de ordenados aos juizes, o do augmento das guardas municipaes, e o da dissolução da Camara Municipal de Lisboa.

Os outros decretos dictatoriaes estavam todos longe da sua execussão, e por isso provada a inutilidade de se terem decretado em dictadura, quando podiam esperar pela abertura do parlamento para este os discutir e auctorisar.

Que tudo isto é verdade não soffre duvida, mas que as opiniões divergem é certo, porque a discussão prolonga-se ora defendendo ora atacando, no que se tem dado já varios episodios pouco edificantes.

O sr. Emygdio Navarro historiando os decretos da dictadura, não condemnou a dictadura, porque o mesmo importava que condemnar todos os governos que tem feito uso d'ella, mas sendo a dictadura um estado anormal do governo representativo, não se póde acceitar sem uma causa que a justifique plenamente.

Todo o receio é que o uso descambe em abuso, mas d'esse abuzo parece que tem grande culpa o proprio parlamento, que de ha muito gasta as suas sessões discutindo tudo que lhe apraz menos as leis de que os governos precisam para governarem.

Esta verdade é já hoje reconhecida em geral pelo paiz, e d'ahi a indifferença do paiz pelas dictaduras e pelos parlamentos.

A discussão do *bill* continúa e parece continuará, pois ainda não fallaram a metade dos oradores inscriptos, e as medidas de fazenda, que o sr. ministro apresentou no meio d'esta discussão, não lograram abreviar os debates e chamar a attenção da camara para o lado pratico, isto é para a discussão dos novos tributos com que o sr. ministro da fazenda conta matar o deficit.

Ora isto de matar o deficit é um modo de dizer, porque já consta que se preparam umas reformas de secretarias e serviços publicos, que decerto não são para diminuir a despeza, de maneira que se o deficit previsto n'este momento, fôr coberto com a receita dos novos tributos, teremos logo um novo deficit com o augmento de despezas que se vão fazer.

Nós só vimos uma sahida a este circulo vicioso em que a administração publica vive ha tantos annos, e era as camaras depois de approvarem os novos decretos tributarios, decretarem uma lei que não permittisse o augmentar as despezas publicas sem que as receitas augmentassem tambem.

ANTONIO PEREIRA DA CUNHA — Fallecido em 18 de abril de 1890

Segundo uma photographia de Camacho

Para fazer augmentar as receitas publicas, muito devia concorrer a boa arrecadação dos tributos existentes e a egualdade da sua distribuição, o que nos parece tem sido sempre um escolho em que todos os governos tem esbarrado.

Terá o novo ministro da fazenda a energia bastante para vencer estas difficuldades?

E' o que o futuro demonstrará.

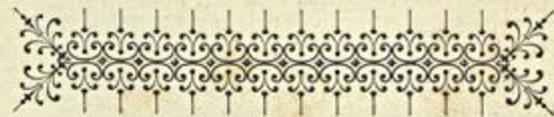
Mas vejamos em resumo quaes as medidas de fazenda que o sr. Castello Branco apresentou ao parlamento.

A principal de todas é o addicional de 6% sobre as contribuições directas que devem produzir o augmento de uns 1:400 contos; depois temos o monopolio dos tabacos que resuscita d'esta vez para produzir mais uns 900 contos para a fazenda, e mais uns augmentos na lei do sello que não sabemos como estendel-a mais.

Temos ainda algumas alterações sobre os direitos de tonelagem das embarcações entradas nos portos portuguezes e o imposto de 16 reis em litro de alcool e aguardentes produzido no continente do reino e ilhas com varias modificações.

Veremos quando o parlamento se poderá occupar d'estas medidas de fazenda, assim como do orçamento.

Pelo caminho que leva parece-nos que tudo se discutirá, ou não discutirá, quando o parlamento estiver a fechar.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

Ministro de Portugal em Vienna d'Austria. — Foi recebido no dia 11 do corrente, por Sua Magestade o Imperador Francisco José, o novo ministro plenipotenciario de Portugal sr. Conde de Valenças.

D. Francisco d'Almeida. — Falleceu no dia 6 do corrente este illustre official do exercito, que foi tambem um dos mais dedicados e leaes servidores de El-Rei D. Luiz como seu ajudante de campo.

D. Francisco d'Almeida descendente das muito nobres familias dos marquezes de Lavradio e condes de Avintes, nasceu em Campo Maior por 1826, e em 1844 sentou praça em cavallaria n.º 2. Em 1851 obteve o posto de alferes e em 1854 o de tenente, alcançando os postos successivos até ao de coronel do estado maior, posto em que falleceu, sendo o coronel mais antigo da sua arma.

Os seus conhecimentos scientificos e vasta intelligencia, indigitaram-n'o para varias commissões, entre outras a de inspector da Escola Polytechnica, chefe da 2.ª repartição das obras publicas, além de outras commissões que lhe foram offerecidas que elle não acceitou.

Desde 1871 que era official ás ordens de El-Rei D. Luiz, passando depois a seu ajudante de campo.

O finado monarcha tinha no mais alto apreço as excellentes qualidades de D. Francisco de Almeida. Nas viagens que fez ao estrangeiro nos ultimos annos, El Rei escolheu-o sempre para chefe da sua comitiva, e quando o rei Oscar da Suecia, o duque de Aosta e o duque de Montpensier, visitaram em Lisboa o fallecido monarcha, foi D. Francisco d'Almeida nomeado ás ordens, junto d'estes personagens.

Era condecorado com diversas ordens portuguezas e extrangeiras tendo tambem a medalha de prata de comportamento exemplar.

Ao seu funeral concorreu tudo que de mais illustre se encontra no exercito e alto funccionalismo, fazendo-se representar a Casa Real, e enviando Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia pelo sr. conde de Mossamedes, uma corôa de rosas chá e violetas com fitas de setim preto franjadas de ouro, e com a seguinte dedicatoria: *Rainha D. Maria Pia. Ao leal servidor d'el-rei, o senhor D. Luiz, e nosso amigo dedicado.*

A sua illustre familia enviamos os nossos pezames.

PUBLICAÇÕES (*)

Historia da Luzitania e da Iberia, por João Bonança. Recebemos o fasciculo n.º 17. Assigna-se para esta obra em Lisboa. Rua Ivens, 41. Cada fasciculo é de 32 paginas e custa 400 réis em todas as terras onde haja estações postaes: — Por volume pago adiantado 6$000, — a obra completa (3 vol.) 27$000 réis.

(*) Temos que pedir desculpa aos auctores e editores que nos tem obsequiando com a remessa de suas publicações, não termos dado mais cedo noticia das mesmas, por falta absoluta de espaço. Desta divida esperamos em breve resgatarmo-nos, pondo mais em dia esta secção do Occidente.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores — Rua Nova do Loureiro, 25 a 43, Lisboa